

O OPERARIO

PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade dos compositores do Jornal do Commercio

PUBLICA-SE 4 VEZES POR MEZ

Assignatura
Por mez \$500

Pagamento
Adiantado

2. Mez Desterro--Segunda-feira, 12 de Setembro de 1881 N. 7

AVIZO

Rogamos aos nossos assignantes, que se acham em atrazo das suas assignaturas, de mandarem satisfazel-as.

As publicações de nossos assignantes, serão gratis.

Agente: na cidade da Laguna, o Illm. Sr. Alfredo Gonzaga de Almeida.

FOTHETIM

O PRIMEIRO AMOR DE MÃI

Dezoito annos depois

Essa empreza que o estimado pai D. João legou a meo pai foi realisada; empregou todos os recursos para bem desempenhal-a o favor de Deos, a sciencia dos homens levaram ao cabo os seus projectos; lutou com todas as adversidades, via morrer os seus marinheiros, as tempestades proximas queriam engulil-o, os raios prestes a

O OPERARIO

Grandes são os horisontes da mocidade!

Ardentes e fortes são as suas esperanças, que semelhante ao esplendor da aurora, surgem sempre novas e vivas!

Este jornalsinho é o sacrario dos nossos sonhos; o depositario fiél dos nossos trabalhos, que embora fracos e pequenos, poderão um dia servir de apoio e auxilio, no decurso da exis-

a fazer-nos victimas, os mouros sempre armados, sempre com vis traições, e... não desanimou, acabou a tarefa de que se tinha encarregado, entrou em Lisboa, trazendo apenas cincoenta e cinco homens quando levava consigo cento e quarenta e oito homens.

As grandezas e honras com que generosamente galardoarão, nunca o restituiram meu irmão, os meos companheiros nos perigos que expiraram em meos braços na Ilha Terceira. Nunca me esquecerei dos meos amantes collegas e com especialidade Fernão Velloso e Pedro de Brito, filho do conde D. Alvaro, que alem está perto da bella Maria de Rosental, mancebo intrepido e valoroso.

(Continúa)

tencia, cujas lutas tão necessario se torna o esforço litterario.

Não nos mata o desanimo, não ! A frente bate-nos com fé e esperanças no futuro: Somos trabalhadores novéis, porém resolutos.

A provincia resente-se muito da falta de um jornal litterario, que apresente ao publico os esforços e trabalhos assiduos dos altivos lidadores do progresso.

Conhecemos que não remediamos essa falta com o *Operario*, fraco interprete das nossas idéas, porém, com esta publicação damos prova, de que muito nos esforçamos pelo adiantamento e prosperidade do nossò torrão natal.

Assim queremos proceder para não desmerecer do apoio que temos mais de uma vez obtido da proverbial indulgencia que soem sempre dispensar todo o povo benevolo e amante das lettras áquelles que se abração á honrosa carreira dos progressos litterarios.

Assim continuem a nos proteger os nossos favoradores, que levaremos ao fim a missão, a que nos propozémos.



Háremos de continuar a trabalhar até vêmos realizados os nossos sonhos doirados, os sonhos infantis da mocidade: — o esclarecimento das idéas, e o cultivo da intelligencia.

E' o amôr que dedicamos ás lettras, que nos dá coragem para prose-

guirmos no caminho encetado: não retrocederemos, si bem que innumeradas difficuldades se apresentem como tropeço á nossa jornada; mas a vontade ardente de que nos achamos revestidos, faz-nos esquecel-as, e animados como temos sido por atletas denodados nas lides do jornalismo, parece-nos vêr sorrir um brilhante futuro, no céu de nossas mais caras esperanças.

A mocidade, que é a esperança futura da patria nunca desanima na realisação de suas mais ardentes aspirações, porque a anima o fogo sagrado da idéa e da liberdade.

Trabalharemos sempre, embóra poucas sejam as horas que nos restem de outros afazeres; e mesmo porque consideramos que no trabalho, quer physico ou intellectual, está synthetizado toda a grandeza de um povo.

Pelo trabalho é que Shakerpeare, Milton, Dante e Lamartine constituem-se glorias das nações a que pertenceram.

Si não fosse o trabalho os Estados-Unidos da America, a Suissa, a Inglaterra e tantos outros paizes do mundo, apresentariam tão assignalados progressos nas lettras, nas artes, nas sciencias, nas leis e nas instituições? Não, certamente.

O trabalho é a nossa divisa. Assim não nos falte a animação publica, e o nosso jornalsinho encontre como até aqui um brilhante acolhimento.

LITTERATURA

CONTOS PHANTASTICOS

VERSÃO

DE

HELVETIUS

—
CONTO PRIMEIRO

O BAILE DO DIABO

—
II

A noite ia adiantada.

Todos os honrados habitantes de Sienna dormiam como bemaventurados.

As ruas estavam desertas.

Martino achava-se só no meio de uma cidade adormecida e silenciosa como um tumulo.

Durante muito tempo vagou nas ruas, até que por fim parou na *Piazza del Duomo*, inundada pelo clarão da lua—menos do lado onde a enorme massa do palacio Sarrazini projectava a sua sombra immensa.

Todos os edificios da praça estavam tranquillos e mudos.

De repente as janellas do velho palacio illuminaram-se, como si alguma festa extraordinaria e phantastica se-celebrasse nas suas desertas galerias.

Martino, sorprendido, ainda não tinha podido subtrahir-se á admiracao que lhe causara aquella subita transformação, quando viu sahir da

penumbra da grande porta um cavelheiro invólto em amplo manto negro e com o chapéo desabado.

O musico ia affastar-se para dar livre passo ao personagem, cujo porte nobre e desinvólto denotava um grande senhor, quando foi por elle interrogado:

—Onde vais a esta hora com o teu violino? Vais a algum baile?

—Em nome de todos os sanctos, senhor: antes fôsse! Parei aqui por não saber onde pudesse ganhar alguns florins, de que tenho extrêma necessidade, tocando o meu instrumento.

—A' vista d'isso, não tocas gratuitamente?

—Sou pobre, senhor,—respondeu Martino, olhando para o seu casaco já no fio e para o rico manto do seu interlocutôr.

—Ora adeus, meu charo! Não vim fallar-te para te-pedir dinheiro emprestado, mas para offerecer-t'o.

—E' uma fortuna.

—Vejamos: quanto queres ganhar?

—Vinte florins.

—Dou-te quarenta.

—Estou ás suas ordens.

III

Em um momento transpuzeram o portico do palacio.

Martino, não sem sorprêza, notou que todas as portas abriam-se diante d'elles, como se fôsem impellidas por molas occultos.

Chegados que fôram a uma grande

saia, disse o cavalheiro ao musico que o-esperasse alli, e sahiu.

Ficando só, Martino sentiu-se possuido de uma especie de curiosidade febril e principiou a olhar para tudo que o-rodeava com crescente admiração.

—Esta sala é esplendida, — disse elle, —mas quente como um fôrno... Vejâmos si se respira mais á vontade na peça que este reposteiro occulta...

Levantou o pesado reposteiro incarnado e ficou pasmo.

A sala onde introu parecia um vasto dormitorio. Estava cheia de leitos de columna de bronze florentino e com cortinados vermêlhos.

Não podendo suppôr que n'uma noite de festa algum d'aquelles leitos pudesse estar occupado, o musico continuou a avançar.

De repente, de um d'aquelles leitor partiu um gemido, depois de outro, de outro, e, por fim, de todos.

O mestrel lembrou-se que aquelle dormitorio podia pertencer a algum hospital, e disse com os seus botões:

—O medico suppoz talvez que um pouco de musica fizesse bem a estes pobres doentes, e mandou chamar-me...

E levantando os pés um apoz outro como si o chão em que pisava estivesse cheio de brazas, accrescentou.

—Mas, por minha fé! faz um calôr aqui capaz de torrar gêlo... ainda mais calôr do que na outra sala!

Estava já quasi resolvido a retroceder quando, impellido zempre pelo

demonio da curiosidade, abriu as cortinas de um leito.

Acto continuou recuou, dando um grito de surpresa.

O leito estava occupado por um amigo seu, que, desoito mezes antes morrêra affogado no Arno.

IV

—Como!.....tu!.....aqui!..... — exclamou Martino.—O que significa isto?... Todos te-julgavam morto!.....Como é que venho encontrar-te no palacio Sarrazim?....

—Ah! Martino!... —Suspirou, — tambem és agora dos nossos?..... — Porque deixaste a terra dos vivos por este logar de torturas?...

(Continúa)

NOTICIARIO

Recebemos o *Colombo*, publicação litteraria de uma pleiade de jovens esperancosos, nossos patricios, que como nòs procuram levar uma pedrasinha ao grande e magnifico edificio do futuro.

Agradecemos.



Recebemos tambem a *Matraca*, jornal critico, publicado na typographia de nosso intelligente patricio e incançavel trabalhador, o Sr. A. Margarida.

Agradecemos.



Ao sympathico Mequetrefe

2-1—O surrão na interjeição é gostoso?

2-1—O fructo na interjeição é ave de arribação.

Diabrete.

—Try. Commercial, rua da Constituição—